TÍTULO DO TRABALHO	
FARINHADA COMUNITÁRIA	
AUTOR(ES)	**INSTITUIÇÃO**
Celso Vallin	UFLA

RESUMO

Esse texto foi escrito como trabalho final do Curso de Realidade Brasileira (Primeiro da Região Sul de Minas Gerais). Começo questionando o senso comum que indica o socialismo e o comunismo como algo ruim [1]. Trago para o pensamento mudanças recentes da sociedade que têm feito as pessoas sentirem-se perdidas [2]. O patronato oprime a classe trabalhadora, mas mesmo quem é mais rico sofre com a mentalidade capitalista, que pressiona a todos [3]. A correria, que está na boca de todos, hoje, traduz o jeito capitalista de viver e algumas das bases disso são: o individualismo, o produtivismo, a competitividade, a padronização, e a modernização [4]. Em seguida mostro como ao longo dos últimos anos comecei a questionar o fato de não existir comunidade no sentido amplo do termo, mas ao problematizar comecei a observar, empiricamente, em lugares e tempos diferentes e distantes, organizações comunitárias da cultura tradicional que existem e resistem. Observei a folia de reis, o congado, a farinhada comunitária e outros episódios de organização comunitária que antes não conhecia [5]. Voltando ao mundão capitalista, observamos que ele condiciona o modo de operação e organização mesmo nas universidades, em nossa relação com a natureza e na postura da grande mídia que nos "catequiza" todos os dias [6]. Mas ao contrário do que muitos pensam, não é uma opção da humanidade, nem um jogo justo. O poder dos capitalistas, os proprietários de grandessíssimas fortunas, passa pela roubalheira dos bens públicos. Nosso sistema político não é uma democracia real visto que as campanhas eleitorais são manipuladas fortemente pelo poder do capital e grande parte dos que são eleitos como representantes políticos estão a serviço desses grandes grupos capitalistas e não representam o povo como seria de se esperar [8]. Temos ainda a corrupção, que é o desvio de bens e direitos públicos para atender a interesses privados. Comportamento criminalizado judicialmente, mas muito comum e impune [9]. A sonegação e o desvio de dinheiro para paraísos fiscais é outra ilegalidade, e roubo que os mais ricos praticam sobre o direito do povo [10]. Finalmente considero que só uma revolução política não resolveria, pois é preciso reeducar para a cultura comunitária e crítica social. Essas ideias apoiam-se em estudos teóricos, no diálogo acadêmico e em observações e estudos da vida social ao longo de anos. Por isso, embora não siga completamente os padrões, trata-se de um artigo científico.

FARINHADA COMUNITÁRIA

Celso Vallin, Lavras, UFLA, 2014

Resumo

Esse texto foi escrito como trabalho final do Curso de Realidade Brasileira (Primeiro da Região Sul de Minas Gerais). Começo questionando o senso comum que indica o socialismo e o comunismo como algo ruim [1]. Trago para o pensamento mudanças recentes da sociedade que têm feito as pessoas sentirem-se perdidas [2]. O patronato oprime a classe trabalhadora, mas mesmo quem é mais rico sofre com a mentalidade capitalista, que pressiona a todos [3]. A correria, que está na boca de todos, hoje, traduz o jeito capitalista de viver e algumas das bases disso são: o individualismo, o produtivismo, a competitividade, a padronização, e a modernização [4]. Em seguida mostro como ao longo dos últimos anos comecei a questionar o fato de não existir comunidade no sentido amplo do termo, mas ao problematizar comecei a observar, empiricamente, em lugares e tempos diferentes e distantes, organizações comunitárias da cultura tradicional que existem e resistem. Observei a folia de reis, o congado, a farinhada comunitária e outros episódios de organização comunitária que antes não conhecia [5]. Voltando ao mundão capitalista, observamos que ele condiciona o modo de operação e organização mesmo nas universidades, em nossa relação com a natureza e na postura da grande mídia que nos "catequiza" todos os dias [6]. Mas ao contrário do que muitos pensam, não é uma opção da humanidade, nem um jogo justo. O poder dos capitalistas, os proprietários de grandessíssimas fortunas, passa pela roubalheira dos bens públicos. Nosso sistema político não é uma democracia real visto que as campanhas eleitorais são manipuladas fortemente pelo poder do capital e grande parte dos que são eleitos como representantes políticos estão a serviço desses grandes grupos capitalistas e não representam o povo como seria de se esperar [8]. Temos ainda a corrupção, que é o desvio de bens e direitos públicos para atender a interesses privados. Comportamento criminalizado judicialmente, mas muito comum e impune [9]. A sonegação e o desvio de dinheiro para paraísos fiscais é outra ilegalidade, e roubo que os mais ricos praticam sobre o direito do povo [10]. Finalmente considero que só uma revolução política não resolveria, pois é preciso reeducar para a cultura comunitária e crítica social. Essas ideias apoiam-se em estudos teóricos, no diálogo acadêmico e em observações e estudos da vida social ao longo de anos. Por isso, embora não siga completamente os padrões, trata-se de um artigo científico.

[1] O socialismo e o comunismo seriam opções ruins como falam?

Para finalizar o Primeiro Curso de Realidade Brasileira da Região Sul de Minas Gerais escrevi esse texto. Não é algo finalizado, muito menos poderá servir de base para estudos nos temas. O que posso assegurar são duas coisas. A primeira é que o movimento de querer escrever foi bom. Levou-me a novas leituras e procuras, bem como, permitiu-me uma reorganização dos pensamentos. A segunda é que sinto que pode ser uma boa provocação para quem quer seguir estudando, discutindo em luta por uma sociedade de iguais, sem classes.

O socialismo e o comunismo seriam opções ruins como falam? Ou poderiam nos levar a uma vida com melhor qualidade social? Revendo minha já avançada existência relembro os

melhores momentos que já tive na vida. Não foram momentos muito intensos e passageiros, mas havia relações sociais verdadeiramente boas. Foram momentos e situações de amizade, de amor, de gratuidade, ou seja, aqueles nos quais as pessoas têm prazer em se ajudar, em estarem juntas, em fazerem algo conjuntamente. Procurarei refletir aqui sobre motivos e causas desses momentos serem raros em nossa sociedade, e entender e explicar porque as atividades organizadas dentro de uma forma comunitária seriam melhores do que as que em geral temos hoje, que são sempre organizadas do ponto de vista capitalista. De uma forma bem direta, o que quero defender é que na sociedade capitalista somos fortemente orientados para defender interesses individualistas, e quando há cooperação no trabalho, ela só é aceita se contribuir para o lucro do negócio em questão. Isso acaba sendo determinante em nossas ações e decisões. Constitui a base de nossa cultura. Muito já se escreveu sobre o socialismo e comunismo e não tenho pretensão explicar isso. Vou procurar falar da visão que construí para que tais ideias possam ser verificadas, discutidas, negadas, ou complementadas. Minha esperança é compartilhar estudos, vivências e pontos de vista para que outras pessoas se sensibilizem e também avancem em seus questionamentos sobre o jeito hegemônico de se pensar hoje.

Nos últimos anos venho procurado compreender como seria possível uma vida mais em comunidade, mais em sociedade. Conforme minha criação (ocidental, nos últimos cinquenta anos), tomo como certo que estou acostumado a viver no capitalismo. As ideias capitalistas estão implantadas nas lógicas de trabalho, e também nas de lazer, e em praticamente todas as atividades no meio social em que vivemos. Sei que mora em mim o reflexo dessas formas de pensar e agir. Históricamente, a sociedade brasileira viveu muitos anos em que era proibido falar bem da esquerda e com isso o comunismo era visto como algo pior que um crime. No período da ditadura civil-militar (1964-1985), declarar-se com pensamentos de esquerda era perigoso, visto que muitos sumiam. E olhe que eram os representantes do Estado que praticavam a tortura, assassinatos secretos e o terror (policiais e militares). Em suma: apesar da realidade e de todos os meios de comunicação sempre afirmarem que o jeito capitalista de organizar a sociedade seria melhor, as incoerências são gritantes e isso me levou a estudar e verificar a outra possibilidade, que talvez seja o comunismo. Lembremos que há coisas vizinhas do comunismo que são bem aceitas e tidas como bonitas e boas como comunhão, comunidade, comunicação ou gente comum. Esclarecendo para quem não souber, quem defende o socialismo e comunismo se diz “de esquerda” e buscam a igualdade social. As diferenças entre ricos e pobres vem aumentando, no Brasil e no mundo, de meio século para

cá. A luta da esquerda contra a direita já é mais antiga. Mas de esquerda é quem defende a igualdade, a classe trabalhadora, ou o povo e não as grandes empresas e empresários. São seguidores das ideias de Karl Marx (Alemanha, 1818-1883), para quem o capitalismo leva os donos dos meios de produção ao enriquecimento extremo em função da venda do trabalho alheio.

[2] O mundo mudou. Quem entende o mundo de hoje?

O mundo mudou. Quem entende o mundo de hoje? Grandes avanços da ciência e tecnologia entre 1850 e 1980, grosso modo, poderiam ter trazido melhorias a nossas vidas. A humanidade criou máquinas que fazem coisas que antes só eram possíveis com grande esforço. Historicamente, para aliviar os humanos da necessidade de esforço físico e penoso, foram usados cavalos e outros animais para o trabalho e a produção de bens e serviços. Inventamos a máquina a vapor, usada em trens e outros. Nos anos 1900 foi desenvolvido o motor a explosão e a partir disso criaram-se máquinas que não existiam antes, e que hoje são a base da vida da maioria de nós, como os automóveis, caminhões, ônibus, motocicletas, e os tratores que permitiram a construção de estradas. Surgiram também os materiais plásticos (derivados do petróleo) que possibilitaram a existência de máquinas mais leves e melhores. Hoje temos plásticos que resistem ao calor. Essas máquinas todas, permitem hoje que muitas pessoas morem numa cidade e trabalhem ou estudem em outra, devido ao transporte, veículos e estradas. Elas dão condições para mudanças no modo de vida, e na estrutura da família e da sociedade.

De 1980 para cá passamos a ter os microcomputadores. Eles sofreram avanços e estão agora embutidos em muitas outras máquinas. O computador permite as programações. Por esse meio a tomada de decisões e o acionamento de comandos nas demais máquinas tem sido feito, sempre que possível, sem precisar de pessoas. E dessa forma as máquinas substituem o trabalho humano não somente em tarefas de esforço físico, mas também em serviços que são mais burocráticos ou dependem de operações abstratas, de lógica. Algumas preocupações ou operações que antes dependiam de pessoas, agora fazem parte de rotinas que são verificadas por máquinas que passam a ações por elas mesmas, facilitando nossa vida. Poderíamos citar muitos exemplos como o de uma máquina de lavar roupas, que coloca a água e o sabão em quantidades medidas, bate um pouco a roupa, deixa de molho por alguns minutos, torna a bater, torce... Tantas outras possibilidades vieram com os dispositivos móveis (celulares, táblets...) e a internet.

[3] Ricos oprimem pobres. Cultura capitalista oprime todos.

As máquinas são resultado dos avanços da ciência e tecnologias. Isso implica, em nível mundial, em menor necessidade de trabalho humano, ou em maior disponibilidade de produtos e serviços para nosso bem estar. Por isso, era de se esperar que as pessoas, em geral, estivessem vivendo melhor. Com o avanço das máquinas, poderíamos trabalhar um dia a menos na semana, ou trabalhar sem tanta pressão, sem pressa e com mais prazer. Mas, parece que vem acontecendo é o inverso! Cada vez mais as pessoas sentem que deveriam dar mais de si mesmas. Uma palavra muito citada hoje é "**a correria**". Todos falam da "correria" em que estão envolvidos. Dizemos, para nós mesmos, que o problema é a correria. Isso é usado como justificativa para explicar porque não conseguimos fazer algumas coisas que gostaríamos, porque não somos donos do nosso tempo, de nossa vida. Fala-se também da "falta de tempo", mas os dias continuam tendo vinte e quatro horas!

O professor Ricardo Antunes estuda as relações de trabalho na contemporaneidade. Ele reafirma que o trabalho abstrato é estruturante também no mundo de hoje, globalizado.

> Os produtos da Toyota, da Nissan, da General Motors, da IBM, da Microsoft, etc., são resultados da interação entre trabalho vivo e do trabalho morto, por mais que muitos autores, de novo Habermas à frente, digam que o trabalho abstrato teria perdido sua força estruturante na sociedade atual. À guisa de polêmica: se o trabalho abstrato (dispêndio de energia física e intelectual, conforme disse Marx em O Capital), perdeu a sua força estruturante na sociedade atual, como são produzidos os automóveis da Toyota, quem cria os computadores da IBM, os programas da Microsoft, os carros da General Motors, da Nissan, etc., só para citar alguns exemplos de grandes empresas transnacionais? (ANTUNES, 1999, p. 115)

Antunes afirma que as ideias de "O Capital" ainda valem, e que temos que pensar em uma classe trabalhadora ampliada. O proletariado hoje inclui novos papéis. Na luta de classes, vêm sendo criadas novas formas de exploração da pessoa pelo trabalho, em serviços sem horário certo, que nos levam ao trabalho sem parâmetros e sem direitos trabalhistas. O migrantes que fazem o corte da cana, ou a "panha" do café em nossa região são exemplo de ganho por produção. Assistindo ao documentário Carne e Osso (<http://youtu.be/imKw_sbfaf0>) vemos

pessoas que são contratadas por produção, e seguem demandando tanto de si mesmas que acabam adoecendo pelo trabalho. Temos até uma doença nova chamada Lesão por Esforço Repetitivo. Trabalhadores temporários e precarizados devem ser vistos como da classe-que-vive-do-trabalho. É o caso do estudante que trabalha algumas horas para o McDonalds. Mesmo professores, vêm sendo contratados para a educação a distância sem local e horário de trabalho e pagos com bolsas, sem férias, sem seguro saúde... Enfim, enquanto se poderia esperar uma melhoria da qualidade de vida, vemos nascerem novas formas de exploração humana pelo trabalho. São adaptações do capitalismo, que renasce e permanece. Continuamos a ter as duas classes: proletários e burgueses. Proletário vem de prole e de pessoas que não tendo propriedades teriam somente seus filhos para ajudá-los como força de trabalho. Proletariado é a classe trabalhadora, ou classe-que-vive-do-trabalho. São os que vendem sua força de trabalho para alguém, ou instituição que possui os meios de produção.

Conforme a lógica de produção que vivemos hoje, pelo estabelecimento de propriedades e proprietários, os capitais financeiros, *commodities*, e outras formas de poder de certas pessoas sobre outras, alguns poucos desfrutam de privilégios quase sem limites, enquanto que grande efetivo de pessoas é lançado à miséria, à opressão, subserviência, ou à correria e sentimento de impotência diante de sua vida. Grande parte das pessoas encaixa-se numa condição de trabalho alienado. Essas pessoas sentem-se exploradas, ainda que sejam um elo da cadeia de produção e consumo, e tenham algum bem estar em suas vidas. Não sentem-se livres, pois só terão lugar enquanto aceitarem estar servindo ao sistema, que depende dos proprietários dos meios de produção, e dos meios financeiros.

Em relação à dificuldade para se ter vida social com qualidade existem dois aspectos que precisam ser observados separadamente. O primeiro está na relação entre **os ricos e os pobres**. Em nosso meio existem alguns, que poderíamos chamar de “folgados”. Esses vivem mandando e sendo servidos, como príncipes, princesas, reis ou rainhas. Não vivemos mais a monarquia há séculos, mas é como se alguns fossem da corte. Há pessoas acostumadas a dar ordens e tratar trabalhadores como se fossem servos. Algumas conseguem tirar férias em “resorts” com “all inclused”, com guias, monitores de recreação, garçons... Algumas possuem carros, casas, empresas... Enquanto isso há uma grande quantidade de trabalhadores que servem essa “monarquia”, os mais pobres, que acordam cedo todos os dias, trabalham o dia todo, mas ganham só para comer e dormir. Há “folgados” que dizem que isso acontece porque aquelas pessoas não têm “qualificação”, ou estudos. O mínimo que podemos dizer é que fazem trabalhos que são mais que necessários e úteis, e que os mais ricos servem-se desses

trabalhos. Os estudos de Florestan Fernandes ajudam a entender como se formaram historicamente essas desigualdades, desde os tempos em que as terras do Brasil de hoje eram usadas como colônias de Portugal, e muitos de nosso povo eram escravizados.

> Tais setores coexistem com a massa dos despossuídos, condenados a níveis de vida inferiores ao de subsistência, ao desemprego sistemático, parcial ou ocasional, à pobreza ou à miséria, à marginalidade sócio-econômica, à exclusão cultural e política, etc" (CSAL, 37). Trata-se de "uma realidade sócio-econômica que não se transformou ou que só se transformou superficialmente, já que a degradação material e moral do trabalho persiste e com ela o despotismo nas relações humanas, o privilégio das classes possuidoras, a super concentração da renda, do prestígio social e do poder, a modernização controlada de fora, o crescimento econômico dependente, etc" (CSAL, 42). (LIMOEIRO-CARDOSO, 1995, p.5)

Por ai percebemos que as raízes da organização social e dos comportamentos são mesmo dos tempos em que o Brasil dependia do rei. Havia príncipes, nobres, escravos e servos. Mas é bom lembrar que Marx e Engels afirmam que "*A história de toda sociedade até hoje, é a história da luta de classes*" (FERREIRA, 2007, p. 151), e eles não conheciam o Brasil e escreveram isso nos anos 1800. Esse é o panorama da diferença entre ricos e pobres.

O segundo aspecto nessa análise da vida social, é que existindo uma larga escala entre os mais ricos e os mais pobres, mesmo quem não é tão pobre está sujeito à lógica capitalista, e isso piora a vida social. A pessoa vive na "correria", e sente-se insatisfeita com sua condição econômica. Quer sempre mais. E o pior: em geral, tanto as mais pobres quanto as menos pobres, dificilmente têm oportunidade de conviver em ambientes e situações de boa coesão social – com relações verdadeiramente comunitárias, de solidariedade, de cooperação, de ajuda mútua, de graça. Entre os poucos círculos sociais em que se vive a gratuidade podemos citar a família e alguma relação de amizade mais próxima. Mesmo o núcleo familiar vem sendo abalado pelo jeito capitalista de organizar a vida. Ultimamente as famílias têm diminuído a quantidade de filhos. Há pessoas que dizem que um filho custa caro, ou que não têm dinheiro para terem um filho. Muitos nem têm irmão ou irmã. E por isso haverá os que não terão nem tios, nem primos, nem tias. E vem acontecendo certo isolamento pelo individualismo no consumo de TV, internet e outros meios de comunicação. Mesmo debaixo

do mesmo teto tantas vezes as pessoas vivem isoladas, de forma individualista.

[4] A correria e capitalismo é a mesma coisa

Entendo que a explicação para quase tudo isso está no jeito capitalista como somos educados. Para entender melhor, seguiremos examinando algumas atitudes que entendo que façam parte da base desse comportamento, capitalista. São elas (a) o individualismo; (b) o produtivismo (c) a competitividade; (d) a padronização; (e) a modernização.

(a) O **individualismo** é o "cada um por si", a falta de sentimento de pertencimento a algum grupo social, a desvalorização das coisas públicas, comuns, coletivas. Se antes a rua, que é um lugar público, lembrava brincadeiras e encontro com amigos agora é vista como local de insegurança. Nas praças ou nos ônibus as pessoas não conversam com os outros. Os automóveis, a maioria circula com um só passageiro. Se pertencemos a um grupo de trabalho, ele não é nosso propriamente, visto que pouco ou nada participamos das decisões, e não temos participação nos lucros e resultados. Para Frigotto e Ciavatta (2006) desde meados de 1990 vivemos um agravamento e reinvenção do capitalismo, aumentando a exploração do trabalhador, regredindo em conquistas sociais como a regulamentação da jornada de trabalho e outras, e com alterações no sistema educacional que acabam por formar uma cidadania individualista, voltada para a produção. Os jovens, cada vez mais, são preparados para atuarem no mercado de trabalho, para produzirem mais rapidamente, sendo competentes, incorporando avanços da ciência e da tecnologia. Mas "o *termo produtivo se refere ao trabalhador mais capaz de gerar mais-valia – o que significa submeter-se às exigências do capital que vão no sentido da subordinação e não da participação para o desenvolvimento de todas as suas potencialidades*" (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2006, p.63). Desenvolvem, quando muito, um sentido de cidadania individual, na qual não existem preocupações nem responsabilidades com o coletivo da sociedade. Em relação aos direitos humanos, quando muito, aprendem a ver somente os direitos particulares do indivíduo, dissociado de sua comunidade [1](idbem, p. 67). Falta o sentido de cidadania coletiva que é a superação da cidadania burguesa, o que inviabiliza a plena emancipação humana. Citando Marx em Trein escrevem:

---

1 Vejo muito disso no dia a dia do meu trabalho no CRAS... As pessoas não sabem nem de seus direitos, quando o sabem, sempre é no sentido de correr atrás dos benefícios individuais. "O coletivo não é problema meu..." Quando falo que milito em determinado movimento, ouço várias vezes a frase: "ainda bem que tem vocês..." e mais uma vez essa pessoa se desresponsabiliza do coletivo. Acho que falta a noção de que fazendo isso, ela abre mão de si mesma, porque sem a força do coletivo, cada indivíduo está totalmente perdido! (Nota de Sarah Helena de Souza Silva, colega do CRB, que atua na Economia Solidária em Poços de Caldas, MG)

> Somente quando o homem individual real recupera em si o cidadão abstrato e se converte, como homem individual, em ser genérico, em seu trabalho individual e em suas relações individuais; somente quando o homem tenha reconhecido e organizado suas "próprias forças" como forças sociais e quando, portanto, já não separa de si a força social sob a forma de força política, somente então se processa a emancipação humana (Marx, id. ibid: 52, grifos do autor). (FRIGOTTO; CIVATTA, 2006, p. 67)

Os vários espaços de convivência social que temos são capturados pelas lógicas capitalistas.

Nas férias, muitos estão adotando o padrão CVC de viagens turísticas. As pessoas viajam e instalam-se em hoteis já reservados para um grupo. Dia a dia são levadas a locais "turísticos". Há horários e programações bem estabelecidas que o grupo deve cumprir. Tudo é belo e incrível como se as pessoas estivessem realmente no filme a "A Ilha da Fantasia", mas voltado para participação individual. A socialização, quando há é fraca. Férias tornou-se pacote que é um produto a ser negociado. Tudo é comodo pois só depende de pagamento, mas também nossa participação nas programações e realização é quase nula.

Mesmo os que se preocupam com a caridade, ou o amor ao próximo, contaminados pela lógica e pensamento capitalista cometem distorções. Algumas vezes, pensando em ajudar os mais necessitados praticamos o assistencialismo, como se a doação de algum produto significasse o amor ao próximo. As empresas falam de responsabilidade-social, mas não há responsabilidade verdadeira com as relações sociais. Algumas fazem propaganda de suas ações benevolentes para melhorar a imagem e obter mais lucros. Melhor do que doarmos algo tirado de nós em troca de um lugar no céu, é a solidariedade plena, expressa em trabalhos de cooperação, em parceria, em igualdade; a expressão do amor coletivo na socialização.

Os eventos ditos culturais na visão capitalista são como o consumo de aparatos criados pela chamada indústria cultural. É o caso do cinema. Pensemos num filme que acaba de ser lançado, do qual a grande mídia está fazendo muito propaganda, e a população está repercutindo. Muitas pessoas têm sua vontade capturada. Ao assistir um filme nos colocamos em posição passiva, neutra. Um evento cultural verdadeiro deveria envolver outras relações. A verdadeira cultura é a curtição da expressão de pessoas de nosso grupo de convívio social, e

deveria incluir atos criativos e participação na apresentação artística. Em certos momentos até podemos curtir aparatos culturais gravados ou de pessoas de fora de nosso convívio mais próximo, mas não podemos perder a dimensão da participação, da troca social, de nossas identidades, de nosso pertencimento em grupos sociais.

A torcida esportiva é um divertimento muito praticado pelo mundo todo, hoje. Muitos torcem para os grandes clubes de futebol, ou para os pilotos de Fórmula 1. Em geral o torcedor não joga. Somente assiste os jogos pela TV, e "participa" dos comentários pela TV ou rádio. Nessa situação a coesão e participação social é pouca, é fraca. Há muitos comportamentos alienados e dominados. Já a torcida de quem vai ao campo de futebol e faz parte de um grupo, para muitos, é o auge de suas oportunidades de participação social. Dai a grande alegria em torno de tais momentos.

A escola, apesar da grande mídia ressaltar só notícias ruins, talvez seja o ambiente de melhor socialização de que as crianças e jovens podem dispor hoje. É geral a afirmação de que gostam dos espaços que são criados nos intervalos das aulas. Mas a aula mesmo tem servido mais para passar informações, desenvolver habilidades e competências, e em geral, é voltada para a individualidade. Cada um em sua carteira, olhando para frente. Não podem conversar, devem prestar atenção ao/à professor/a ou fazer exercícios individualmente. A escola permite uma boa convivência social, mas ensina o individualismo e a competitividade. As viagens turísticas, os atos assistencialistas, os eventos ditos culturais ou a torcida pseudo-esportiva são expressões da cultura capitalista. Além do individualismo, possuem também bases produtivistas, de competitividade, de padronização e de modernização.

(b) O individualismo é associado ao **produtivismo**. Esse é o sentimento de que devemos aumentar a produção das coisas com as quais estamos envolvidos. A palavra "desenvolvimento" é associada ao crescimento econômico, ao aumento anual da produção de um país, ou instituição. Conforme essa ideia não podemos "desperdiçar" tempo. Tempo é dinheiro. Dai, não se pode ficar discutindo ou refletir críticamente sobre as situações, para não perder produção, ou não diminuir o tanto que conseguimos produzir. A lógica instituida faz crer que devemos seguir decisões técnicas, vindas de fora, que seria melhor fazer algo sem questionamentos, e que não se pode abrir espaços para reflexão coletiva, que é vista como polêmica. Produtivismo é querer sempre mais, maior. É mais do mesmo.

(c) A **competitividade** começa pelo princípio da livre concorrência. Por nossa educação

social, hoje, parece inquestionável que as empresas tenham o direito de vender seus produtos pelos preços que quiserem. Mas existem condições muito desiguais, e quanto maior a complexidade da produção, devido aos progressos da ciência, tecnologias e organização industrial-comercial, mais difícil que pessoas ou empresas pequenas possam concorrer em igualdade com as maiores. Não poderemos nos aprofundar em análises de produção e mercado nesse artigo. Um exemplo dessa desigualdade pode ser a publicação e distribuição de um filme de cinema ou TV. A distribuição e a propaganda dão as condições para a desigualdade. Dessa forma uma produção milionária de roliúdi (Hollywood) tem grande possibilidade de ser assistida por milhões de pessoas no Brasil mesmo quando a crítica aponta que é ruim, enquanto que uma produção brasileira com poucos recursos, mesmo que seja boa e interessante, é pouco conhecida e assistida (como foi o caso do filme Cine Holliúdy, Comédia Romântica, produzido em 2013, que fala da vida no interior do Ceará). Por outro lado, acreditando que a concorrência seria mesmo livre, seguimos em busca da otimização de resultados, pela ideia de que devemos encontrar o melhor modo para fazer as coisas, economizando ao máximo, não desperdiçando nem materiais nem tempo. Por isso entendemos que devemos ser melhor que os outros, termos um produto que supera os concorrentes. A ideia de competitividade leva as pessoas a se preocuparem em superar a elas mesmas, e finalmente a sentirem-se mal porque são colocadas metas sempre além do que seria facilmente conseguido. A competitividade foi aguçada após os anos 1990 com a abertura para o comércio internacional, ideias como a reengenharia, reestruturação produtiva, mecanização, informatização e as possibilidades ampliadas de articulação entre locais distantes, pelo mundo inteiro: a globalização. Hoje, o rearranjo de um trabalho na China pode decretar o fechamento das oportunidades de trabalho no mercado de um cidade qualquer do interior do Brasil. A crença de que existe uma livre competitividade colabora para a autocobrança produtivista. Mas na verdade o que temos é uma competição viciada.

(d) A ideia de **padronização** está por trás das marcas e franquias (como o Cinemark; a M.Officer; a TIM, Apple, Google...) e também pelos procedimentos padronizados e pelo endeusamento da técnica. Tal modo de pensar coopera para desvalorizar a atividade criativa e o pensamento crítico e até inviabilizar os talentos e culturas regionais. Trabalha contra a diversidade cultural. Fala-se do mundo como se fosse uma aldeia global. A padronização colabora para os comportamentos colonizados, de “bom gosto” e “bem comportados”. Já dizia Adriana Calcanhoto: “não gosto de bom gosto”. O produtivismo é parceiro da padronização. Ao contrário, para as pessoas em geral, seria melhor valorizarmos regionalismos.

Diversidades culturais significam distribuição de poderes e de inteligências e são o contrário de centralização, de jeito único de pensar, ou de fim da história. Também na Europa isso é percebido e existe a crítica à padronização global, em defesa dos valores locais. Vejamos o que dizem a respeito dos currículos escolares:

> Embora, neste momento, a tentativa de construir um território curricular europeu se circunscreva mais a referenciais de estrutura organizacional do que à uniformização dos conteúdos programáticos, tudo indica que, a seu tempo, as opções curriculares acabarão por enfraquecer as territorialidades curriculares nacionais, regionais e locais a favor da legitimação de um conhecimento escolar internacional que represente não só as metas educativas e formativas que cada nação deve concretizar no quadro da Comunidade Europeia, mas também os interesses de certos sectores de influência e dos grupos sociais e económicos dominantes que se movem nesse contexto. (MORGADO, 2010, p. 257)

Até a escola segue a ideia de padronização internacional.

(e) A **modernização** é outro defeito do nosso modo de pensar, em geral. Fala-se de ser moderno ou da importância de ser uma pessoa atualizada, e isso acaba instabilizando valores tradicionais de qualquer tipo, não pelo desmérito ou pela superação, mas só porque existe algo mais recente, que está na moda. Isso favorece a obsolescência de produtos. Esse modo de pensar leva ao consumismo, ou hábitos exagerados de consumo, à compulsão por compras e por produtos recém lançados. Quando se pensa na educação continuada das pessoas, a modernização leva cada um a informar-se para mostrar-se atual, leva à reprodução acrítica de novos procedimentos e habilidades técnicas, e ao exibicionismo dessas habilidades, produtos ou informações e desfavorece o aprender crítico, e pessoal, de experiência feito. Por isso devemos sempre desconfiar, duvidar, ser críticos. Nem sempre o “padrão fifa” será algo melhor. Nem sempre o que é internacionalmente aceito e usado, que dizem ser o mais desenvolvido, será melhor para nós. Cortella fala de uma obsessão evolucionista (2003, p. 51). Para ele o inconsciente coletivo do mundo ocidental se apoia em três ideias equivocadas: a de que o passado é sinônimo de atraso e de ignorância inocente, a de que a racionalidade sempre nos levará a progressos, e a de que a ciência levaria sempre ao bem.

Pode haver outras, mas essas cinco ideias estão na base do capitalismo, advém da lógica do lucro, e ajudam a entender o que estamos chamando de **cultura capitalista**, jeito capitalista de pensar. São ideias cultivadas e realimentadas constantemente em nossa cultura – individualismo, produtivismo, competitividade, padronização, modernização.

[5] Ainda existem organizações comunitárias

Para Christianne Gomes os momentos de lazer e os eventos lúdicos são as melhores situações para experiências interculturais revolucionárias e isso pode ser uma importante dica para a educação transformadora. Existem certos espaços de organização social (de lazer e cultural) que produzem possibilidades de relações sociais muito melhores do que as que encontramos no convívio social costumeiramente. O " *lazer pode ser uma (e não a única) ferramenta muito importante para mobilizar experiências interculturais revolucionárias, contribuindo assim com uma educação para a transformação social e cultural*" (GOMES, 2010). Nessa busca, por anos, de relações sociais e de relacionamentos melhores entre as pessoas, situações que sejam mais comunitárias, hoje considero que tenha encontrado/percebido algo realmente importante. Consigo identificar situações sociais (várias), que ainda existem em alguns lugares e **resistem**, praticadas com a naturalidade das coisas que fazem parte da cultura, nas quais a lógica de base **não é capitalista** e sim comunitária. Esses exemplos podem significar para nós todos que é perfeitamente possível viver de uma forma mais comunitária e com maior felicidade. Vou falar da Folia de Reis e da Farinhada Comunitária. Mas poderia falar também das Escolas de Samba, do Congado, do Bumba Meu Boi, das Festas Juninas, do trabalho voluntário e certamente existem outras situações como essas.

Sei que não vou conseguir explicar bem o que acontece na Folia de Reis porque eu nunca fui integrante de um grupo desses. Sou somente observador. Mas o que pude perceber é que as pessoas falam com grande entusiasmo dessa festa comunitária. Olhando somente a festa, não dá para se entender completamente. É bonita, interessante, mas a aparência não explica a alegria com que os participantes falam e participam da festa. O motivo, entendo que venha das oportunidades de convivência comunitária e gratuita que são gerados desde os momentos anteriores à festa, meses antes, quando as pessoas se reunem em preparação a ela. Ali vão se estabelecendo contratos de parceria e de responsabilidade voluntários e espontâneos. Não existe uma relação de lucratividade, nem de recompensas formais, nem alguém que explore o trabalho dos outros. É importante observar que as pessoas trabalham para fazer roupas e para ensaiar cantos e danças, mas não receberão nenhum salário, ou favor em troca disso. E não é

trabalho escravo, pois vai quem quer, e tudo é feito pelo prazer da participação. O modo de aprender e ensinar sobre a festa não separa as pessoas por idade, não tem horário certo, nem um planejamento duro. Tudo é informal e com flexibilidade. Mas existem estruturas condicionantes que são habituais. A Folia é um todo que se compõe por grupos menores. A pessoa que é convidada ou aceita para fazer parte de um grupo sente-se lisonjeada, porque acreditaram nela, porque o grupo quer sua participação. Durante dias e dias as pessoas daquele grupo se encontram e convivem em clima de liberdade e graça ao preparar roupas, cantos, danças e outras coisas que farão parte da festa. No dia marcado, realizam tudo o que foi preparado, em conjunto, e são vistos pelo restante da comunidade. A festa acontece nas ruas mas é como num palco, em que as pessoas se apresentam e são vistas e admiradas. Ficam felizes por terem se apresentado e receberem elogios. Mais que o dia da festa, todos os dias de preparação constituem o interesse e prazer das pessoas em participar. Fazem com que sintam-se pertencentes a um grupo social. Criam laços comunitários de afeto, respeito, competência... Enfim, uma experiência dessas merece ser estudada em separado. O certo é que os participantes sentem grande felicidade ao se articularem em grupos de trabalho comunitário.

Durante um certo tempo eu observava experiências como a Folia de Reis e imaginava que aquelas relações de felicidade e gratuidade só fossem possíveis para festas, ou eventos diferentes do “trabalho socialmente necessário”. Mas em janeiro de 2014 tive a oportunidade de conhecer a Farinhada Comunitária que, embora os participantes relatem que é algo tão prazeroso quanto uma festa, tem o objetivo de produção de farinha de mandioca para alimentação, e portanto é um trabalho pela necessidade da subexistência. Participei do Projeto Rondon, no interior do Maranhão, município de Barão de Grajaú, a 7h por estrada de rodagem de São Luiz. A farinhada comunitária é um exemplo de que o trabalho por organização não capitalista é possível. As pessoas afirmaram que é melhor do que novela pois, naqueles dias, nem lembram de ligar a TV. Um grupo de pessoas da comunidade trabalha em mutirão na produção da farinha, a partir da colheita de mandioca. A farinha resultante pertencerá somente à família que a plantou. O trabalho de todos naqueles dias não é cobrado nem recompensado. Existe sim uma ajuda mútua. Outras pessoas do grupo também plantam mandioca e receberão ajuda comunitária quando fizerem sua colheita. Mas não há um parâmetro para medir quanto cada pessoa trabalhou, quanta mandioca foi trabalhada. Não existe a preocupação capitalista de medir o trabalho e a produção, nem há salários, nem lucro. Até pessoas que não plantam mandioca gostam e querem participar, visto que são momentos de convivência com boa coesão social, e que as pessoas sentem o prazer de ajudar, e de terem sua presença e

participação reconhecidas pelo grupo. Existem cantorias para alegrar certos momentos. Os trabalhos são vários. No primeiro dia as pessoas descascam a mandioca. Cada um/a leva o seu banquinho, sua faca, que são os instrumentos de trabalho. Algumas coisas são mais para os homens e outras são geralmente feitas pelas mulheres. Destaca-se uma outra relação de trabalho, que não é capitalista, mas comunitária, e as pessoas trabalham com prazer e harmonia. O trabalho dessa forma é percebido pelas pessoas como algo melhor do que o divertimento mais usual: a novela da TV!

Ligando com as ideias de Christianne Gomes, entendemos que essas, cada vez mais raras, expressões culturais tradicionais como a Folia de Reis e a Farinhada são exemplos de situações reais de lazer e de trabalho comunitário que podem levar as pessoas a compreenderem a acreditar numa sociabilidade diferente da capitalista. Não adiantaria pensarmos em criar grupos de Farinhada ou de Folia de Reis em lugares em que essas manifestações não são tradicionais. É possível sim, procurar em cada local coisas semelhantes que possam ser vistas como sementes de uma nova socialização. Trabalhar essas sementes, nos leva à esperança de que elas poderão significar a base de grandes mudanças. Mas não temos ilusões de que manifestações como as tradicionais sejam espaços de forte consciência contra a cultura capitalista. Para tanto, será imprescindível ainda o apoio de uma educação para além do capital (MÉZSÁROS, 2008). Um trabalho de educação com "contrainternalização" ou contraconsciência. E isso é um novo assunto, o qual não aprofundaremos aqui.

[6] Capitalismo na universidade, relação com a natureza e grande mídia

Para completar o olhar sobre a organização capitalista em nossas vidas hoje, é preciso considerar sua relação com a universidade, com a natureza e com os meios de comunicação. Observamos que a cultura capitalista está também nas universidades, um dos ninhos da ciência e tecnologia. Existe uma lógica que envolve financiamentos que patrocinam pesquisas e determinam direcionamentos. De diferentes formas influenciam e chegam a determinar como serão os parâmetros de avaliação de resultados e as políticas de ação na educação e nas universidades. O capital econômico, por estratégias complexas e nem sempre claras, torna-se proprietário das decisões maiores na universidade. Hoje é geral a queixa de docentes sobre as pressões produtivistas no trabalho universitário. Por isso é importante estabelecer bases nas universidades para se contrapor ao produtivismo. No encontro "MST e a pesquisa" na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), em 2014, discutiu-se a importância da sintonia da

formação com os desafios da realidade, e a reconstrução das bases culturais política, agroecológica, social... O tão falado tripé ensino-pequisa-extensão se tornaria real, considerando-se que os problemas e desafios sociais e produtivos de certa comunidade seriam a base de projetos interdisciplinares, interdepartamentais e interinstitucionais; o ensino e estudos se desenvolveriam pela resolução de problemas da realidade prática; e naturalmente esses estudos seriam também pesquisa e diálogos de extensão universitária. Nessa perspectiva reconhecemos a importância dos laços que vêm sendo criados entre professores da UFLA, da Unifal, do IFSULDEMINAS, e integrantes do MST, em torno de projetos que se realizam nas áreas de acampamentos e assentamentos da região do Sul de Minas, e tantos outros militantes de movimentos sociais que fizeram parte do Curso de Realidade Brasileira local.

Em nossa relação com a natureza também temos problemas devido ao modo capitalista de organização social. A lógica de produção, consumo e desenvolvimento que vem sendo praticada, e que é a matriz do capitalismo, desrespeita, degrada e destrói a natureza. Não se sustenta. Pela lógica do lucro pratica-se a monocultura, o uso de venenos e fertilizantes químicos, o uso de sementes transgênicas, e um modelo de organização produtiva que vem aumentando a dependência dos pequenos produtores em relação a grandes corporações internacionais, fabricantes de venenos, sementes modificadas e fertilizantes químicos. Nesse sentido existe um movimento pela agroecologia que busca se afirmar, em contraposição ao agronegócio e à produção para exportação.

Vemos ainda que, diante da complexidade da sociedade atual os meios de comunicação de massa (mídias) fazem parte do centro do poder. Sendo assim, naturalmente são disputados pelos grandes grupos empresariais e econômicos. Não somente para a propaganda de seus produtos, mas para um noticiário que ampare suas ações e arrumações sociais, e ainda uma programação novelística e de arte que também sirva de ancoragem para o modo capitalista de pensar. A má fama dos políticos e a imagem de respeitabilidade das grandes marcas é uma construção subjetiva, realizada com o apoio dos meios de comunicação de massa (TV, web, jornais, rádio etc.). É fácil entender que esses espaços de comunicação sejam disputados e dominados pelos grupos mais poderosos do sociedade hoje. Alguns fatos como os que são citados nesse trabalho, cuja referência é o jornal Brasil de Fato, não são mostrados pelos jornais de maior circulação. Em contraposição, as esquerdas devem entender que também precisam ocupar os espaços de comunicação de massa. Mas, se há tantos problemas como explicar que o capitalismo renasce e está cada vez mais forte?

[7] Grandes capitalistas e a roubalheira dos bens públicos.

O que sustenta e reforça a cultura capitalista são seus poderes. O poder do capitalismo está em muitos lugares: desde os empresários, donos dos meios de produção de bens, incluindo os investidores ou banqueiros, passando pelos governos nacionais, organismos internacionais, a universidade, meios de comunicação de massa... Em nossa cultura é comum que se fale mal dos governos, dos governantes e da classe política, e ao mesmo tempo as grandes empresas nacionais e transnacionais gozam de uma imagem de respeitabilidade, como se fossem justas e éticas. Mas a realidade não condiz com as imagens e sentimentos que, em geral, as pessoas têm. O poder público, o poder de decisão e mando nas coisas da sociedade está nas mãos do que chamamos de políticos. Nessa classe incluimos as pessoas e instituições do poder executivo (governos federal, estaduais e municipais) bem como o poder legislativo: deputados, senadores, vereadores. O judiciário escapa dessa má fama. Mas na realidade podemos perceber que as grandes corporações nacionais e transnacionais têm mais poder que os governos e que acabam por controlar e manipular a classe política. **A roubalheira dos bens públicos sustenta e reforça o poder dos capitalistas**. Embora as corporações e grandes empresas consigam criar uma imagem de respeitabilidade na sociedade, existe uma forte apropriação dos recursos públicos (dinheiro) em benefício dos grupos mais poderosos. Essa apropriação é indevida, anti-ética, ilegal, e é o que podemos chamar de roubalheira. Em geral, o povo não associa uma dessas empresas a suas desgraças ou falta de condições de vida. Mas isso acontece e precisamos tomar consciência para nos contrapor. A roubalheira se realiza por três vias: (a) O falseamento da democracia; (b) corrupção; (c) sonegação de impostos.

[8] Falseamento da democracia

O **falseamento da democracia** acontece pela manipulação das campanhas eleitorais, e pela cooptação ou parceria de empresas com pessoas que são eleitas para cargos políticos. O primeiro ponto que destaco é o financiamento de campanhas eleitorais. Hoje é difícil que os candidatos consigam se eleger se não contarem com certa quantidade de dinheiro para sua campanha. Por outro lado, uma campanha bem feita, consegue eleger um candidato pouco conhecido com certa facilidade. E uma boa campanha eleitoral pode ser conseguida com dinheiro. Assim, quem tem grande poder econômico acaba fazendo doações aos candidatos e com isso dá condições para sua elegibilidade. Mas, com que propósito estariam fazendo tais doações? Será que tais empresários conseguiriam recuperar o dinheiro gasto com a ajuda dos candidatos, depois de eleitos? Existe no pais, há tempos e tempos, uma elite que consegue

eleger candidatos aos mais altos cargos de poder da nação, por meio do financiamento de campanhas eleitorais e estratégias de “marqueting” político.

Passadas as eleições os grandes grupos, nacionais e transnacionais, por meio do controle que exercem sobre os governantes, conseguem fazer aprovar leis e programas de governo a seu favor. Segundo o jornalista Alceu Luis Castilho, o Brasil tem um sistema político ruralista. Ele fez uma pesquisa meticulosa por mais de três anos. Observou mais de 13 mil declarações de bens e concluiu que, entre 2008 e 2010, setenta e sete políticos eleitos têm em seu nome mais terras do que o país Porto Rico. Observa ainda que a empresa JBS-Friboi foi uma das que fez mais doações para campanhas de políticos. Depois, na votação em 2011 do Código Florestal, da bancada de eleitos entre os que receberam doações, só um deputado votou contra o projeto (BRASIL DE FATO, 2012, p. 7).

A política é comprada ou corrompida pelo capital. As leis e programas de aplicação de recursos públicos são direcionados mais para favorecer aquela elite e seus negócios do que o povo. No final do ano passado a Odebrecht conseguiu que Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES) “comprasse” uma parte (Subsidiária) daquela empresa, envolvendo um bilhão de reais, após “vencer” a concessão para exploração do aeroporto do Galeão. As pessoas ficam à merce de tais lógicas, sentindo-se impotentes. Dentro da legalidade, mas invadindo campos anti-éticos e até ilegalidades, esse poder econômico segue se apropriando de decisões e bens públicos e até determinando votação de leis que os beneficiarão. O problema não é só porque sejam donos dos meios de produção, mas o controle hegemônico que exercem sobre a sociedade, e a roubalheira na luta pelo poder. Nesse jogo político conseguem a liberação de fundos de programas, para favorecer suas empresas e interesses; conseguem a aprovação de orçamentos, projetos e programas que os favoreçam. Essa elite acaba tendo mais poder que os governantes eleitos. Subverte o poder público em benefício próprio e não visando o bem do povo em geral. Para nos contrapor ao falseamento da democracia e das eleições, precisaremos ser pessoas mais conscientes, dar maior importância às eleições e aos partidos, escolher candidatos por critérios melhores e não nos deixar influenciar tanto pelo “marketing” político. Mesmo as votações e decisões públicas poderiam funcionar com maior participatividade. A participação popular não deveria ser somente nas eleições. Poderíamos ter uma democracia mais participativa. Precisamos educar o povo e a nós mesmos para a participação na política e para uma política de maior abertura à participação popular.

[9] Corrupção

A **corrupção** é outro meio pelo qual grandes corporações obtém vantagem econômica, o que significa que estão desviando dinheiro do povo para seus interesses particulares. O desvio de dinheiro público para atender a interesses privados, é absolutamente criminoso. O que deveria ser usado para atender o povo em geral é desviado para favorecer os que têm poder, que são os que já detém os maiores capitais. A mídia (TV, jornais, revistas, rádio) culpabiliza o governo. É comum que, ao criticar a roubalheira da corrupção, se defenda, sutilmente, a ideia de que a solução seria termos menos poder público e mais iniciativa privada. Não se fala dos corruptores. É certo que quem compra um governante corrupto é alguém que tem dinheiro para tanto. Também é certo que o corruptor irá ganhar muito mais do que paga, visto que se fosse dar no mesmo seria melhor não se arriscar. Em nossa cultura o corruptor fica escondido da comunicação de massa e do senso comum. Mais do que ficarmos contra o governo e o Estado, precisamos nos colocar contra a bandidagem e entender que há grupos de poder econômico que estão por trás dos governantes.

[10] **Sonegação**

Finalmente a **sonegação** é outro artifício da bandidagem dos poderosos. Essa elite é proprietária de grandes corporações internacionais. Por trás de uma imagem de respeitabilidade existem operações duvidosas, secretas ou ilegais como a evasão de divisas para paraísos fiscais, subtraindo do devido imposto, ou da cota de participação pública, como nessa notícia: "*Sonegação dos ricos é 25 vezes maior que corrupção nos países pobres*" (BRASIL DE FATO, 2014, p. 14). Existem trabalhos de convencimento da população que tentam falar mal dos impostos, como é o caso do "impostômetro", artifício criado pela Associação Comercial de São Paulo e fortemente apoiado pelos meios de comunicação de massa. O que desejamos é mais Estado e não menos impostos. Somos contra a roubalheira, mas não contra o poder público. O contrário de forte poder público é o poder privado. Essas ideias mostram-se turvas para as pessoas, em geral. Em contraposição à ideia do impostômetro foi criado o sonegômetro. Enquanto que o pessoal da direita, como a Revista Veja, se esforça para maldizer o Bolsa Família, a sonegação parece não importar tanto. Espantam-se com os 21 bilhões de reais usados com esse programa em 2012, e afirmam que o Bolsa Família não funciona, e que o programa é usado como vitrine do governo (VEJA, 2013). Porém um estudo mostra que "*em menos de 100 dias, o país deixou de arrecadar mais de R$ 106 bilhões*" em impostos (R7, 2014). Ou seja, um ano de sonegação daria para pagar

dezoito anos de Bolsa Família! E lembremos que para famílias numerosas, com mais de cinco crianças, o benefício não chega a trezentos reais por mês! Infelizmente essas lógicas de poder têm estruturado a política e a economia. As grandes empresas nacionais e transnacionais têm mais domínio nos paises do que os governos. Esse fenômeno não acontece só no Brasil. E não são só estrangeiros que nos roubam e nos reprimem, há também brasileiros com grande capital que fazem parte desse jogo. Além de incriminar tais grupos de poder, devemos também criar condições para ter lógicas de participação pública que superem tais estruturas, como a lei 8243/2014 - que instituiu a Política Nacional de Participação Social. E nesse ponto entendo que é preciso ter mais unidade da classe trabalhadora, com sindicatos, associações e conselhos, bem como mais educação e informação. Escola e meios de comunicação de massa precisam ser ocupados pelas esquerdas para trabalharem em outras lógicas que não essa, do capitalismo.

Considerando o **falseamento da democracia**, a **corrupção** e a **sonegação** podemos entender que esse poder todo não é legítimo. As grandes corporações são mantidas pela roubalheira que se dá pelo financiamento de campanhas, favorecimentos de governos e legislativos, corrupção e sonegação. Alguns dizem – não poderíamos afirmar que todos os ricos são ladrões. O que precisamos cultivar é uma relação melhor entre trabalho e direitos, e menos diferenças econômicas.

[11] Mais que revolução política: educação!

O olhar ao longo da história pode nos dar a certeza de quem está por trás dessa articulação. Quando um governante fica mal visto, cai em desprestígio, sai da política e do governo, isso não abala a turma que está por trás dos financiamentos de campanha, do desvio de dinheiro público para interesses privados. Para lembrar só um exemplo, no dia 11/07/2012 foi cassado o mandato de Senador de Demóstenes Torres. Um ano antes ele fazia discursos criticando a corrupção no setor público, e foi até lançado informalmente como candidato à presidência da república pelo partido DEM[2]. Na sequência da história vemos outras pessoas que eram desconhecidas serem levadas aos cargos de poder, como Antonio Anastasia que tornou-se governador de Minas Gerais sem antes ter sido eleito para outro cargo político menor, semelhante ao que aconteceu com Dilma Roussef. Ao mesmo tempo o empresariado que está por trás das eleições, pouco se altera. Os grandes capitalistas são pouco conhecidos, não

2 VALOR Econômico. DEM lança Demóstenes Torres a presidente em 2014. 06/12/2011. Disponível em Acesso em <http://www.valor.com.br/politica/1125712/dem-lanca-demostenes-torres-presidente-em-2014>. Acesso em 2012/07/06

perdem seu poder (que é o capital) e que é maior do que o poder dos mandatos. Em certa medida os grandes capitalistas têm poder até sobre o judiciário como vemos no caso do jornalista Lúcio Flávio que foi condenado em 2005 a pagar oito mil reais por ter chamado de "pirata fundiário" a Cecílio do Rego Almeida. Acontece que em 2011 a Justiça Federal cancelou o registro de terras de Almeida, mostrando que as acusações do jornalista procediam[3]. As terras eram públicas (do Estado do Pará, da União e territórios indígenas) numa área maior que países como Dinamarca e estados como o Rio de Janeiro. O controle das campanhas políticas está com os grandes empresários. Controlam os governos, as leis, programas e financiamentos, se beneficiam da corrupção, sonegam impostos. Historicamente tudo muda, menos esse poder supra-governamental. A transitoriedade pode ser comprovada quando vemos que num momento novos partidos políticos são criados, em outro são desprestigiados e deixam de existir, outros são criados e ocupam seus lugares na política, as pessoas eleitas ou designadas para importantes cargos também mudam ano a ano, mas o controle e poder das grandes corporações permanece. Fala-se mal da política, dos políticos, mas não dos que estão por trás dessa armação e roubalheira. Os grandes capitalistas não são culpabilizados. Os movimentos sociais defendem que seja feita uma revolução e que as instituições de poder sejam controladas. Mas, tendo em vista aqueles dois aspectos – que os ricos oprimem os pobres; e que a cultura capitalista oprime a todos (pelo individualismo, produtivismo, competitividade, padronização e modernidade), se pensarmos numa revolução (um jeito qualquer de mudar o mundo!), não adiantaria somente que as grandes corporações transnacionais deixassem de ser de propriedade de uns poucos, e fossem do povo. Não bastaria somente tirar o capital das mãos dos mais ricos. A cultura capitalista, continuaria existindo e com ela a opressão. A opressão de uns sobre os outros, pela sede de lucro, pela competitividade... E também a opressão de cada um sobre si mesmo, se obrigando a produtividades crescentes, e vivendo em ambientes individualistas e sem graça (nos dois sentidos – sem atratividade e sem relações de gratuidade). Para pensar a revolução, entendo que devemos trabalhar nas duas frentes. A primeira é a luta para que os meios de produção sejam do Estado e assim do povo e não de certas pessoas. A segunda, é a luta para transformar a cultura de capitalista para comunitária, e mudar as pessoas em seu jeito de olhar para a vida. É preciso entender e cultivar hábitos de convivência opostos aos de individualismo, competitividade, produtivismo, padronização e modernidade.

Paulo Freire fala que as pessoas em sociedade podem colocar-se em processo de

3 Jornal Brasil de Fato. A tendenciosa justiça do Pará. p. 9 Edição de 22 a 28 de março de 2012.

humanização. Para ele, nos anos anteriores ao golpe de 1964, a sociedade brasileira viveu uma época de transição. Na época anterior a esse período, os brasileiros, e a sociedade brasileira, comportavam-se como colônia e colonizados, a sociedade era, de modo geral, "**intransitivada**" em sua consciência, estaria fechada ao pensamento crítico, transitando mais no biologicamente vital, sem teor de vida no plano histórico social.

> É evidente que o conceito de "intransitividade" não corresponde a um fechamento do homem dentro dele mesmo, esmagado, se assim o fosse, por um tempo e um espaço todo-poderosos. O homem, qualquer que seja o seu estado, é um ser aberto. O que pretendemos significar com a consciência "instransitiva" é a limitação de sua esfera de apreensão. É a sua impermeabilidade a desafios situados fora da órbita vegetativa. Neste sentido e só neste sentido, é que a intransitividade representa um quase incompromisso do homem com a existência. (FREIRE, 1967, p. 34)

Naqueles anos a sociedade teria conseguido entrar num estado de transitoriedade para uma sociedade diferente. Esse primeiro estágio de mudança chamou de "**transitividade ingênua**", que acreditava fosse a realidade daqueles dias [1962-1964] nos centros urbanos, que, "*mais enfática ali, menos aqui, se caracteriza, entre outros aspectos, pela simplicidade na interpretação dos problemas*" (ibid p. 59). A partir daquele ponto, a sociedade brasileira poderia avançar para a **transitividade crítica**, por meio de uma "*uma educação dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política*" que se caracterizaria "*pela profundidade na interpretação dos problemas*" (FREIRE, 1967, p. 60). Mas, infelizmente as forças conservadoras derrubaram o governo, que fora democraticamente eleito, e impuseram à força uma ditadura que durou vinte anos. Até o final da ditadura, pode ser questionado. Para Saviani a transição foi só mais uma transação:

> O que chamam de transição "democrática" (1980) não teve nada de autenticamente democrático. Foi uma transação entre as elites, contra os dominados. Sarney vincula-se a Tancredo visando assegurar a manutenção da ordem econômica. "A transição somente poderia ser feita por ruptura, dentro da luta por uma forma de democracia que assegurasse à massa popular dos mais ou menos espoliados e excluídos e aos trabalhadores como classe o direito à revolução,

> dentro da ordem e contra a ordem.” citando Florestan Fernandes. (SAVIANI, 2012)

Para Florestan Fernandes não se pode bobear e pensar que os que estão com o poder permitirão que sejam implantadas mudanças sociais que favoreçam a igualdade, sem reagir. Para ele:

> “Não foi um erro confiar na democracia e lutar pela revolução nacional. O erro foi outro - o de supor que se poderiam atingir esses fins percorrendo a estrada real dos privilégios na companhia dos privilegiados. Não há reforma que concilie uma minoria prepotente a uma maioria desvalida. [...] A causa principal consiste em ficar rente à maioria e às suas necessidades econômicas, culturais e políticas: pôr o Povo no centro da história, como mola mestra da Nação. O que devemos fazer não é lutar pelo Povo. As nossas tarefas são de outro calibre: devemos colocar-nos a serviço do Povo brasileiro para que ele adquira, com maior rapidez e profundidade possíveis a consciência de si próprio e possa desencadear, por sua conta, a revolução nacional que instaure no Brasil uma nova ordem social democrática e um estado fundado na dominação efetiva da maioria. (Fernandes, 1977, p. 245-246, apud FRIGOTTO, 2011)

Nas análises de Caio Prado Junior a grande exploração do trabalhador, estabelecida no tempo do Brasil colônia teria se mantido até nossos dias. “*Com a substituição do trabalho escravo pelo assalariado a grande exploração teria passado a assumir características capitalistas*” (RICUPERO, 2012, p.31). Ele avalia que a industrialização não mudou “*o mais significativo da vida brasileira, que continuaria a ser modelada pelo sentido de colonização*” (ibid, p.32). No Brasil, apesar de termos declarado a independência política, “*manteve-se a estrutura econômica e social da colônia*” (ibid, p.31) que tem por base a produção de bens de alto valor para o mercado externo em grandes unidades produtivas, sendo a escravidão seu traço mais marcante e por isso “*o trabalho servil seria onipresente, ou seja, estaria em todos os lugares, influenciando praticamente todos os aspectos da vida social*” (ibid, p.29). Florestan Fernandes também fala de como no Brasil desenvolveu-se um capitalismo dependente que permite e requer uma combinação do moderno com o arcáico, “*uma descolonização mínima, com uma modernização máxima*” (FERNANDES, 1975, p.176). Por isso entendemos que a escola pública brasileira, mais que preocupada com competências deve ser como afirma Freire: radicalmente dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política.

Com tais reflexões justifico a importância de termos, cada vez mais, cursos abertos de

educação política, como foi o 1o.CRB do Sul de MG. Devemos colaborar para que mais pessoas se questionem: o comunismo e o socialismo seriam mesmo opções ruins como falam?

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os novos proletários do mundo na viradado século**. Revista Lutas Sociais. Vol.6 São Paulo, PUC-SP, 1999. Disponível em<http://www.pucsp.br/neils/downloads/v6_artigo_ricardo.pdf>. Acesso em 2014.08.02

BRASIL DE FATO. Ano 10. N. 495. ALMEIDA, Guilherme. Brasil tem sistema político ruralista. Entrevista. 23 a 29 de agosto de 2012. Disponível em <http://www.brasildefato.com.br/sites/default/files/BDF_495.pdf>. Acesso em 2014.07.04

BRASIL DE FATO. Ano 12. Sonegação dos ricos é 25 vezes maior que corrupção nos países pobres. 6 a 12 de março de 2014.

FERNANDES, Florestan. A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro : Ed. Paz e Terra. 1967.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. (Orgs.) A formação do cidadão produtivo : a cultura de mercado no ensino médio técnico / Organizado por: Gaudêncio Frigotto e Maria Ciavatta. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. 372 p. : il. ISBN 85-86260-09-6 Disponível em <http://www.acervo.epsjv.fiocruz.br/beb/textocompleto/004669>. Acesso em 2014.06.22

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2011, vol.16, n.46, pp. 235-254. ISSN 1413-2478. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n46/v16n46a13.pdf>. Acesso em 2014.04.06

FERREIRA, Patrícia M.B. **A dimensão libertária da América Latina no pensamento de Florestan Fernandes**. Libertas, Juiz de Fora, edição especial, p. 145-161, fev/2007.

CORTELLA, Mario Sérgio. Humanidade, cultura e conhecimento. In: _____. A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. 7ª ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2003 (Coleção Prospectiva, 5), p. 21-54.

GOMES, Christianne. O lazer como campo mobilizador de experiências interculturais revolucionárias e sua contribuição para uma educação transformadora. In: **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente** (Coleção Didática e prática de ensino. **Livro 6**: Currículo; Ensino de Educação Física; Ensino de Geografia; Ensino de História; Escola, Família e Comunidade) / organização de Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos ... [et al.]. – Belo Horizonte : Autêntica, 2010. 734p. (Textos selecionados do XV Endipe – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino realizado na UFMG, no período de 20 a 23 de abril de 2010). Disponível em <http://www.fae.ufmg.br/endipe/publicacoes.php>. Acesso em 2013.05.06

LIMOEIRO-CARDOSO, Miriam. Capitalismo Dependente, Autocracia Burguesa e Revolução Social em Florestan Fernandes. Artigo produzido no período em que a autora foi professora visitante do IEA – Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. (junho de 1994 a agosto de 1995). Disponível em <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/limoeirocardosoflorestan.pdf/at_download/file>. Acesso em 2014.07.07

MÉZSÁROS, István. A educação para além do capital. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008

R7, Notícias. Sonegômetro volta a ser colocado em Brasília nesta quinta-feira. 19/03/2014. Disponível em <http://noticias.r7.com/distrito-federal/sonegometro-volta-a-ser-colocado-em-brasilia-nesta-quinta-feira-19032014>Acesso em 2014.07.04

RICUPERO, Bernardo. Pensando com Caio Prado. Bernardo Ricupero, Ângelo Diogo Mazin. Guararema, SP : Escola Nacional Florestan Fernandes, 2012. 60p.(Série Realidade Brasileira)

SAVIANI, Demerval. Transformações históricas e a inserção do Brasil na nova ordem mundial: educação e transição democrática (1984- ...). Vídeo 38 minutos. Campinas : Unicamp-FE, 2012. D <https://www.youtube.com/watch?v=KDlydJpnhv8>. A 2014.07.23

VEJA, revista. Bolsa Família paga R$ 21,1 bilhões e bate recorde em 2012. 16/01/2013. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bolsa-familia-paga-r-21-1-bilhoes-e-bate-recorde-em-2012>. Acesso em 2014.07.04